

JONATHAN SWIFT

AS VIAGENS DE  
GULIVER

**COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2023**

**COPYRIGHT © JONATHAN SWIFT (1667 - 1745) — DOMÍNIO PÚBLICO**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Versão de domínio público adaptada por Cruz Teixeira.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Assistente editorial **LETÍCIA CANEVER**

Preparação **ANA CAROLINA SALINAS E DANIELA TOLEDO**

Revisão **CRIS NEGRÃO E MARINA MONTREZOL**

Capa e diagramação **REBECCA BARBOZA**

Ilustrações de miolo **MACROVECTOR, BRGFXI | FREEPIK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

---

Swift, Jonathan

As viagens de Gulliver / Jonathan Swift ; tradução de Cruz Teixeira.

-- São Paulo : Faro Editorial, 2023.

128 p.

ISBN 978-65-5957-261-8

Título original: Gulliver's Travels

1. Literatura infantojuvenil inglesa I. Título II. Teixeira, Cruz

22-6917

CDD 028.5

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil inglesa



---

1ª edição brasileira: 2023

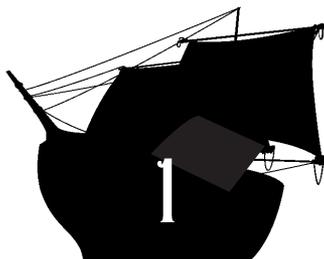
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL.

Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310

Alphaville — Barueri — SP — Brasil

CEP: 06473-000

[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)



Meu pai tinha uma pequena propriedade na província de Nottingham; de cinco filhos, eu era o terceiro. Quando fiz quatorze anos, ele me mandou para o colégio Emanuel, em Cambridge, onde fiquei por três anos e me dediquei aos estudos. Porém, como os estudos eram muito caros, precisei trabalhar como aprendiz na casa do senhor James Bates, um famoso cirurgião de Londres, onde fiquei até os vinte e um anos. Meu pai, ocasionalmente, me enviava um pouco de dinheiro, que investi em cursos de navegação e outros ramos da matemática aos que desejam viajar pelo mar, pois acreditava que esse seria o meu futuro.

Deixando a companhia do senhor Bates, voltei à casa de meu pai e, com o auxílio dele, do meu tio John e de outros parentes, consegui quarenta libras por ano para me manter em Leyde, onde estudei medicina durante dois anos e sete meses, convencido de que tal estudo, algum dia, seria útil nas minhas viagens.

Pouco tempo depois de retornar de Leyde, pela boa recomendação do meu excelente professor, o senhor Bates, consegui o emprego de cirurgião no navio *Andorinha*, no qual embarquei por três anos e meio, sob as ordens do comandante Abraham Panell. Nesse meio-tempo, viajei pelo Levante e proximidades.

Quando voltei, resolvi morar em Londres, incentivado pelo senhor Bates, que me recomendou aos seus clientes. Aluguei um apartamento no bairro Old Jewry e depois me casei com Mary Burton, segunda filha de Edmund Burton, negociante da rua de Newgate, que me trouxe quatrocentas libras de dote.

Mas, depois de dois anos, o meu querido professor, o senhor Bates, faleceu e, com a falta do meu protetor, a minha clientela começou a diminuir. Por essa razão, consultando minha esposa e algumas pessoas próximas, resolvi fazer uma nova viagem pelo mar.

Então, fui cirurgião em dois navios, e as diversas viagens que fiz durante seis anos às Índias Orientais e Ocidentais aumentaram um pouco a minha fortuna.

Investi meu tempo livre em ler os melhores autores antigos e modernos, levando sempre comigo um certo número de livros e, quando desembarcava, ficava entretido observando os costumes do povo e aprendendo a sua língua; algo com o qual tinha facilidade, em razão de minha boa memória.

Tendo sido um pouco infeliz em uma das minhas últimas viagens, me cansei do mar e decidi ficar em casa com minha esposa e filhos. Me mudei da casa de Old Jewry para outra em Fetter Lane e, de lá, para Wapping, na esperança de atender os marinheiros, mas isso não aconteceu.

Depois de esperar por três anos que os negócios melhorassem, aceitei uma ótima oferta do capitão William Prichard, que iria partir no *Antílope*, em viagem para o mar do Sul. Em 4 de maio de 1699, embarcamos em Bristol, e a nossa viagem foi, a princípio, muito bem-sucedida.

Não vou entediar o leitor com os detalhes das nossas aventuras por esses mares; basta dizer que, ao passarmos pelas Índias Orientais, fomos atingidos por um temporal tão violento que nos lançou para o noroeste da terra de Van Diemen. Notei que estávamos a trinta graus e dois minutos de latitude meridional. Em 5 de novembro, no começo do verão naqueles países, o tempo estava um pouco escuro, e os marinheiros avistaram uma rocha, afastada do navio apenas pelo comprimento de um cabo; o vento estava tão forte que fomos lançados diretamente contra ela. Eu e mais cinco companheiros saltamos para um bote e conseguimos nos livrar do navio e do rochedo. Assim, navegamos por quatorze quilômetros, até que o cansaço não nos deixou mais remar; completamente exaustos, deixamos as ondas nos levarem e depois de um tempo uma tempestade virou o bote.

Não sei o que aconteceu com meus companheiros, se conseguiram se salvar na costa marítima ou se ficaram no navio. Quanto a mim, nadei ao acaso e fui levado para a terra pelo vento e pela maré. De vez em quando, estendia as pernas para tentar encontrar o fundo; por fim, estando quase exausto, encontrei. Então, o temporal acalmou. Como a encosta era pequena, caminhei perto do mar antes que pusesse o pé em terra firme.

Andei um tempo sem avistar casas ou vestígios de habitantes, embora esse local fosse muito povoado. O cansaço e o calor tinham me dado sono. Me deitei sobre a grama, que era de uma extrema finura, e pouco tempo depois caí em sono profundo. Dormi por nove horas seguidas. Então, acordei, tentei me levantar, mas não consegui. Deitado de costas, percebi que meus braços e pernas estavam presos ao chão, assim como meu cabelo. Senti que

vários cordões muito finos rodeavam o meu corpo, das axilas às coxas. Só podia olhar para cima; o sol começava a aquecer e a sua forte claridade machucou meus olhos. Ouvi um confuso rumor ao meu redor, mas na posição em que estava não conseguia olhar para os lados.

Logo senti alguma coisa se movendo sobre minha perna esquerda e avançando suavemente sobre meu peito e quase subindo no meu queixo. Fiquei espantado quando enxerguei uma figurinha humana que teria um pouco mais de quinze centímetros, empunhando um arco e uma flecha. Ao mesmo tempo, vi mais umas quarenta pessoas iguais. De repente, comeci a soltar gritos tão altos que todos fugiram aterrorizados; mais tarde soube que alguns caíram de cima do meu corpo e ficaram feridos. Apesar disso, voltaram pouco tempo depois, e um deles teve a ousadia de chegar tão perto que viu o meu rosto, levantou as mãos e os olhos com ar de admiração e, por fim, com a voz aguda, mas nítida, exclamou: *Hekinab Degul*, palavras que os outros repetiram muitas vezes, mas que não consegui entender.

Entretanto, me mantive admirado, inquieto e perturbado. O leitor, se colocando no meu lugar, verá que era de fato uma situação complicada.

Com a intenção de me libertar, tive a sorte de arrancar do chão as estacas que prendiam meu braço direito à terra e, me levantando um pouco, analisei a forma como tinham me mantido preso. Ao mesmo tempo, com um forte puxão, o que me causou dor, afrouxei um pouco os cordões que prendiam os fios de meu cabelo do lado direito.

Aquelas criaturas começaram a fugir, soltando gritos. Assim que os gritos cessaram, ouvi um deles exclamar: *Tolgo phona!* e, em seguida, atingiram mais de cem flechas em minha mão, que me faziam cócegas. Depois atiraram uma nova saraivada para o ar; ainda que não as visse, algumas flechas caíram sobre o meu corpo e rosto, o qual eu tentava cobrir com a mão direita. Assim que terminou aquela chuva de flechas, novamente tentei me libertar; mas escutei outra saraivada, maior do que a primeira, enquanto outros tentavam me ferir com lanças; por sorte, eu vestia uma roupa impenetrável. Pensei que o melhor seria me manter quieto e naquela posição até a noite; quando levantasse o braço esquerdo, poderia me libertar por completo e, com respeito aos habitantes, eu tinha razões para crer que teria força o suficiente para lutar contra os mais poderosos exércitos que pudessem me atacar, desde que fossem do tamanho daqueles que eu vi até então.

Quando me viram tranquilo, deixaram de atirar flechas; mas compreendi que o número de pessoas aumentava e, do meu lado esquerdo, ouvi por mais de uma hora o ruído deles trabalhando. Por fim, voltando um pouco a cabeça para esse lado, vi uma extensão erguida a trinta e cinco centímetros do chão, onde poderiam caber quatro desses homenzinhos, e uma escada que dava acesso; um deles, que parecia ser uma pessoa de importância, veio até mim com um longo discurso, do qual não entendi uma única palavra. Antes de começar, exclamou três vezes: *Langro debul san!* Essas palavras foram, em seguida, repetidas e explicadas por meio de sinais para que eu entendesse.

Depois, cinquenta homens avançaram e cortaram os cordões que seguravam a parte esquerda da minha cabeça, o que me permitiu mover livremente para a direita e observar o rosto e o gesto daquele que falava. Ele parecia ser de meia-idade e mais alto do que os três que o acompanhavam; um deles, que tinha o aspecto de pajem, segurava a cauda da beca enquanto os outros dois permaneciam de pé, ao lado, para o amparar. Parecia um bom orador e deduzi que misturava ameaças e promessas na sua fala. Respondi em sinais, mas de um modo submisso, erguendo a mão esquerda e direcionando para a boca, tentando explicar que eu estava faminto, pois já não comia havia algum tempo. A minha fome era tão grande que não pude deixar de demonstrar a minha impaciência, fazendo várias vezes o mesmo gesto para dar a entender que carecia de alimento.

O *burgo* (é assim que eles declaram um nobre, como soube mais tarde) me compreendeu muito bem. Desceu da extensão e deu ordem para que encostassem muitas escadas por onde subiram mais de cem homens e se direcionaram para a minha boca, carregados de cestos cheios de carnes de diversos animais, mas não consegui identificar pelo sabor. Eram parecidas com as de carneiro e muito bem preparadas, mas menores do que as asas de um frango; engoli em porções de duas ou três, com seis pães. Me forneceram tudo isso, com grande espanto e admiração da minha altura e do meu admirável apetite.

Fiz um outro sinal para eles entenderem que faltava a bebida, calcularam, pela maneira que eu comia, que uma pequena quantidade não me satisfaria e, como eram um povo interessante, levantaram com muita agilidade um dos maiores barris com água que possuíam, trouxeram rolando até a minha mão e o destaparam. Bebi com grande prazer. Me trouxeram outro, da mesma forma, e fiz vários sinais para que me trouxessem mais alguns.

Quando terminei de beber, soltaram gritos de alegria e começaram a dançar, repetindo muitas vezes, como a princípio tinham feito: *Hekinah degul*.

Pouco depois, ouvi uma saudação com frequentes repetições das palavras: *Peplom selan* e percebi que do lado esquerdo muita gente estava afrouxando os cordões que me prendiam. Algum tempo antes, tinham cuidadosamente passado uma pomada de aroma agradável em meu rosto e nas mãos que, em pouquíssimo tempo, me curou de arranhões. Logo senti vontade de dormir; o sono durou oito horas seguidas.

Enquanto eu dormia, o imperador de Lilipute (o nome desse país) ordenou que me levassem aonde ele estava. Cinco mil carpinteiros e engenheiros trabalharam rapidamente para construir um veículo grande o suficiente que me coubesse. Assim que ficou pronto, o conduziram para o local em que eu estava.

A principal dificuldade estava em me levantar e me colocar naquele veículo. Para isso, apoiaram no chão oitenta varas de sessenta centímetros de altura; na ponta de cada uma delas tinha um pequeno mecanismo por onde passavam cordas mais grossas, com ganchos que se prendiam aos cintos que os operários haviam colocado em volta do meu corpo. Novecentos homens dos mais fortes foram designados para puxar as cordas e, dessa forma, em menos de três horas, fui levantado e colocado no veículo. Fiquei sabendo de tudo isso porque me contaram, pois, enquanto faziam aquela manobra, eu dormia profundamente. Quinhentos cavalos, dos maiores que existiam, foram atrelados ao veículo e o conduziram em direção à capital.

Já havia se passado quatro horas de viagem quando fui acordado de repente por um acidente ridículo. Os condutores tinham parado para comer, e três habitantes do país tiveram a curiosidade de observar o meu rosto enquanto eu dormia; subindo com cuidado até mim, um deles, capitão dos guardas, encostou a ponta da lança no meu nariz, o que me fez cócegas. Logo, acordei e precisei espirrar três vezes. Caminhamos durante o resto do dia e acampamos à noite, os quinhentos guardas ficavam preparados com arcos e flechas para atirar caso eu tentasse escapar.

No dia seguinte, ao nascer do sol, continuamos a nossa rota. Chegamos ao meio-dia e paramos a duzentos metros dos portões da cidade. O imperador e toda a corte saíram para nos ver; mas os oficiais não permitiram que Sua Majestade se arriscasse a subir em meu corpo, como muitos outros haviam feito.

No local em que o veículo parou, havia um antigo templo, tido como o maior de todo o império. Ficou resolvido que eu ficaria hospedado naquele edifício. A porta grande, que dava para o norte, tinha aproximadamente um metro e meio de altura e quase setenta centímetros de largura; nas laterais, havia uma pequena janela de quinze centímetros. Em frente ao templo, do outro

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



CAMPANHA



Há um grande número de portadores do vírus  
HIV e de hepatite que não se trata.  
Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite  
é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM FEVEREIRO DE 2023